

Crochetar com design: laços de afetos em tempos atuais

Crocheting with design: ties of affection in current times

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; Doutoranda em Design;

Universidade do Estado de Minas Gerais;

ana.carneiro@uemg.br

MOURÃO, Nadja Maria; Doutora em Design; Universidade do

Estado de Minas Gerais;

nadja.mourao@uemg.br

O momento atual é oportuno para refletir e ressignificar o lugar do ser humano no mundo, onde o sentimento de pertencimento pode aflorar com o ambiente e as suas relações afetivas. Buscou-se entender o porquê da afirmativa que crochetar, além de trabalho, serve como atividade terapêutica para algumas pessoas e observar a presença do crochê no mundo contemporâneo, principalmente, no acontecimento de isolamento social no território brasileiro. Pelo método qualitativo, este trabalho se fundamenta nas relações artesanais com o design e suas contribuições sociais. Com foco na temática realizou-se um recorte em breve histórico do crochê, sob a visão em gêneros sociais diversos, e suas manifestações em algumas comunidades localizadas em redes sociais e como veículo de design e arte. Em resultados, apresenta-se um panorama diversificado de experiências humanas e estímulo a prática do crochê como recurso em qualidade de vida e novas perspectivas que surgem perante a realidade atual.

Palavras-chave: Design; Crochê; Relações Afetivas.

The current moment is opportune to reflect and re-signify the place of the human being in the world, where the feeling of belonging can emerge with the environment and its affective relationships. We sought to understand the reason for the statement that crocheting, besides work, serves as a therapeutic activity for some people and to observe the presence of crochet in the contemporary world, especially in the event of social isolation in the Brazilian territory. By the qualitative method, this work is based on the craft relations with design and its social contributions. Focusing on the theme, a brief historical cut of crochet was made, under the vision in diverse social genres, and its manifestations in some communities located in social networks and as a vehicle of design and art. In results, it presents a diverse panorama of human experiences and stimulus to the practice of crochet as a resource in quality of life and new perspectives that arise in the face of current reality.

Keywords: Design; Crochet; Affective Relation.s

1 Introdução

Para o designer de ambientes, os efeitos comportamentais dos humanos no momento atual conduzem a reflexão sobre a ressignificação do lugar do ser humano no mundo, seus sentimentos de pertencimento do ambiente e as suas relações afetivas. Os reflexos causados pelo isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus conduzem pesquisas de observação sobre as mudanças comportamentais das pessoas. O designer, por suas habilidades de investigador e analista, debruça sobre o prisma dos efeitos estabelecidos na sociedade, comparando-os com dados antecessores. Atividades caseiras e o fazer manual estendem-se em arranjos de equilíbrio mental ou passatempo para a sociedade confinada em seus lares.

O crocheter é um mergulho de introspecção e de realização do saber-fazer relatado por empoderadas pessoas que, ao segurar nas mãos agulhas e linhas se distanciam das questões cotidianas. Esta afirmativa advém de uma pesquisa online, em 2020, com artesãos e artistas, sobre os saberes e fazeres em produção artesanal com o crochê, em redes sociais e nos ambientes urbanos.

Atualmente, fazer crochê vem se tornando um hobby saudável que proporciona equilíbrio e tranquilidade. “Observa-se que médicos e psicólogos já recomendam atividades artesanais, como o crochê, no tratamento de doenças como o Alzheimer e Parkinson. O crocheter estimula a capacidade de concentração, proporcionando alívio da ansiedade e diminuindo a angústia” (OLIVEIRA et al., 2020, p.2). Deve-se observar os cuidados com a postura e a visão, para não prejudicar o corpo.

O crochê é ensinado para outras pessoas após uma experimentação. Desta forma, deve-se seguir o passo-a-passo, que conduz ao resultado de um produto completo. Ou seja, antes de tudo, é preciso executar uma lista de materiais necessários, quais as proporções e técnicas utilizadas. Contudo, para artistas, criativos e inovadores é preciso experimentar e inovar, com a possibilidade de desmanchar todo o trabalho executado e recomeçar.

O saber-fazer vem da experimentação de sentir as etapas em um contexto de construção do conhecimento e da importância no processo. Essa aptidão envolve um ato do sentir em conjunto, entre as pessoas envolvidas, com os sentidos das ações. Sob essa perspectiva, “atos humanos pressupõem saberes na elaboração de coisas, escolhas nas formas de manifestá-los e, assim, conjugam materialidades e imaterialidades inseparáveis” (MENEZES, 2009, p.21).

Em alguns casos, o design utiliza as habilidades manuais para obter resultados diferenciados e exclusivos. O crochê oferece recursos como materiais - fibras vegetais e sintéticas de variadas cores, por exemplo, e formas inovadoras que podem ser aplicados na moda e nos ambientes internos e externos, tanto em produtos de grifes, manifestações artísticas, quanto em projetos sociais.

O trabalho do designer, além do desenvolvimento de análises e aplicação de métodos e ferramentas para obtenção dos resultados, se constitui inclusive, no conhecimento técnico-científico. Este conhecimento pode contribuir no atendimento para suprir as necessidades de produção do artesanato, obtendo melhor qualidade dos produtos de forma sustentável. Ponte & Niemeyer (2013) destacam o potencial do designer como agente de transformação social, que, com suas habilidades técnicas e criativas, pode estimular novos comportamentos, valores e novas formas de se pautar e apreender o mundo.

A tradição dos modos de fazer manual é estimulada como vivência e como economia social importante para o desenvolvimento local. O aprendizado entre gerações tende a se preservar nos lugares, onde a memória se faz como valor cultural imprescindível. Ou seja, onde a comunidade considera a preservação dos valores herdados de gerações antecessoras, como elemento fundamental para a cultura (MOURÃO; OLIVEIRA, 2020).

Em 2019, durante o evento Crochêtalks, em São Paulo, foi estabelecido o dia 19 de setembro, como o dia do crochê. Muitos artesãos e artesãs apaixonados com o crochê se reuniram para trocar conhecimentos, conversarem sobre seus trabalhos, conquistas e dificuldades, conforme site circulo.com.br. Nos encontros entre os apaixonados com o crochê obteve-se declarações de satisfação por essa atividade que, muitas vezes, foi utilizada para tratar de angústia e solidão.

Durante o isolamento social, em lives de encontros sociais com pessoas que fazem crochê, obtiveram-se declarações de lazer, alívio e satisfação por utilizarem este recurso como estabilizador emocional. O lazer “é um conjunto de atividades que podem proporcionar repouso, divertimento, formação desinteressada após o indivíduo livrar-se das obrigações profissionais e familiares” (DUMAZEDIER, 1973, p.34).

Percebe-se que o fazer manual, como atividade tradicional, ainda permanece como vivência e como economia social importante para o desenvolvimento local. O saber-fazer, passado de geração a geração, conserva a memória cultural, trata-se da preservação dos valores herdados de gerações antecessoras, conforme Mourão e Oliveira (2020).

Segundo Lemes; Pereira (2020), a difusão acontece através das mulheres, sejam elas da mesma família ou amigas, vizinhas, enfim, independentemente das raízes culturais, como um ato do fazer manual coletivo. É a presença da mulher que constrói histórias e transmite a ciência para as meninas, principiando desde a infância - aproximadamente entre os 6 aos 11 anos de idade.

O saber-fazer do ofício do tecer liga-se à tradição, desde tempos remotos, associando-se à figura feminina e ao desenvolvido no âmbito doméstico. No processo de transmissão, este saber ultrapassa a materialidade das peças produzidas, sendo associado ao fator de afeto entre mestre e aprendiz e ainda ao valor de estimado aos produtos, que trazem consigo a memória, a identidade e a tradição das mulheres artesãs. (LEMES; PEREIRA, 2020, p. 180).

A fundamentação do referencial teórico se apresenta como passo inicial da pesquisa. Realizou-se um recorte histórico sobre o crochê, e alguns estudos relacionados aos movimentos de crochê, por registros em redes sociais, como veículo para divulgação de atividades manuais e do crochê, em especial.

Sob o olhar do design e suas contribuições sociais, espera-se estimular a expansão do fazer manual em crochê tanto no processo satisfatório do fazer, quanto em produtos com melhor qualidade e durabilidade. Apresenta-se um panorama diversificado de experiências humanas e estímulo a prática do crochê como recurso em qualidade de vida e novas possibilidades perante a realidade que se descortinou no novo mundo.

2 Fazer Geracional: Artesanato do crochê

O artesanato é uma das mais tradicionais formas de manifestação cultural. Trata-se, então, de artefatos que podem estar ao redor dos indivíduos e auxiliar a formação a sua identidade,

além de fazerem uma ligação com o mundo e, também, entre passado, presente e futuro. Gerador de qualidade de vida torna-se símbolo discursivo da busca constante pela felicidade na nossa sociedade contemporânea ocidental. Ele permeia o cotidiano do homem desde os povos mais primitivos. As operações comerciais, necessárias para adquirir alimentos e artefatos, estimularam a criatividade e os processos artesanais de produção de objetos (LAMPEN, 2001).

Logo, o artesanato segundo Santos (2010, p 03) surge concomitante com o “processo de evolução do próprio homem, uma vez que a partir de quando o ser humano se desenvolvia, a necessidade de materiais para sua subsistência aparecia”. Assim, o homem passou a manusear alguns materiais como polir pedras, tecer fibras e criar objetos de cerâmica entre outros.

Digby (2007) relata que a principal e mais importante característica do trabalho artesanal é o evento dele ser resultante de um trabalho criado pelas mãos, com sensibilidade, habilidade e apurado. O artesanato crochê é antecessor de processos industriais, trazendo na sua essência tradição e inovação, preservando memória, e paralelamente, requerendo mudanças sucessivas no modo de viver das pessoas.

Segundo os historiadores, os afazeres em crochê têm ascendência na Pré-história. A arte do crochê, como se aprecia presentemente, foi desenvolvida no século XVI. O escritor dinamarquês Lis Paludan (1995) arriscou encontrar a origem do crochê na Europa e baseou determinadas hipóteses. Uma dessas hipóteses é de o crochê se ocasionou na Arábia e chegou à Espanha pelos caminhos comerciais do Mediterrâneo. Também possui sinais posteriores do artifício em tribos da América do Sul, que utilizavam ornatos de crochê em cerimoniais da juventude. Na China, bonecas eram feitas com o mesmo artifício, não obstante o autor assegura que não há proeminência palpável sobre quanto ancestral é a arte do crochê.

Portanto, a observação de Paludan (1995), indica que o crochê possivelmente tenha sido adiantado mais espontaneamente do bordado chinês, uma forma muito antiga de bordado experimentado na Turquia, Índia, Pérsia e norte da África, que chegou a Europa.

Veras (2007) relata que não se sabe ao certo a origem do crochê, no entanto, este estilo de artesanato amimava muito a Rainha Vitória em 1700, após ser difundido no Oriente médio por ser usado como repetição da renda. Em breve tempo, o crochê conquistou a realeza por se apresentar mais sofisticado em texturas e diferente tipos de emaranhados. Segundo a autora, artefatos executados com linhas são de acordo com a tradição concretizados por mulheres. Legado histórico que data da conquista Portuguesa, assim a técnica do crochê arranja da história humana e do seu viver diário, constituindo-se na moda, na decoração ou até mesmo como afazer básico de valor financeiro essencial para muitas mulheres que habitam no interior ou na capital.

As mulheres sempre tiveram funções mantenedoras de tradições, tanto em famílias abastadas, quando e as mais pobres. Contudo, por mudanças das atividades em sociedades urbanas no século XX, as atividades artesanais tornaram-se mais escassas.

No século XX, as mulheres passaram de dona de casa ao papel de esteio da família, com a industrialização, saíram de dentro de seus lares para trabalhar fora, muitas delas tinham agora o papel de chefes de família, desta maneira, houve um afastamento das meninas em relação às tradições do lar, e a prática de fiar, bordar, coser, crocheter, se distanciava cada vez mais, ao ponto de perder-se

a tradição que antes caracterizava o contexto familiar e cultural do grupo (ANDRADE, 2017, p.64).

Os artefatos não estão apenas carregados de memória, de personalidade e de histórias, mas também de significados, simbologias que representam o lugar almejado de vivências humanas. Atualmente, observa-se uma valorização cada vez maior dos elementos e habilidades que compõem a essência cultural de uma sociedade. São artefatos que funcionam elos de uma memória coletiva ou individual.

Esta memória constitui a base das concepções sociais humanas. Sua transmissão garante a proliferação e vivência ao longo das gerações de modos que gerem o modo de vida em grupos. De acordo com Candau (2011), esse artifício garante que toda a estrutura já existente na sociedade atual se prevaleça, pois em sua falta se perde tanto a socialização, quanto a educação, e se freia também a existência de uma identidade cultural. Assim, com suas raízes ligadas ao passado, legadas por meio de uma herança familiar. Esta que possui coletividade característica desse trabalho, permite uma extensão dos produtos criativos.

Os trabalhos de artesanato com linhas são, tradicionalmente, realizados por mulheres, de geração a geração (SILVA, 2015). Por herança cultural da colonização portuguesa, os bordados, as rendas e os crochês, no Brasil, são elementos da história. Com o tempo, foi incluído na moda, na decoração de ambientes, tornou-se uma importante atividade econômica em comunidades interioranas ou nas capitais.

Não se sabe ao certo, qual a origem definitiva do crochê. Acredita-se que tenha surgido na China como “uma forma muito antiga de bordado conhecida na Turquia, Índia, Pérsia e Norte da África, que chegou à Europa por volta de 1700, conhecida como “tambour” do francês, tambor” (SILVA, 2015.p.16).

A autora relata que, apesar das investigações sobre este tipo de trabalho com linhas, há ainda incertezas acerca da origem:

Para o autor e pesquisador dinamarquês Lis Paludan (1995), a história do crochê é difícil de estabelecer antes do século XVIII, porque tão poucos exemplos podem ser encontrados antes deste período. Em sua pesquisa, o autor indica que o crochê teve três possíveis evoluções históricas, sendo primeiro na Arábia espalhando a técnica através das rotas comerciais leste e oeste e para países do Mediterrâneo (SILVA, 2015.p.18).

Em relação à técnica do crochê, Cerqueira (2013) considera que sobre os feitos do material, conduzem à efetivação da memória coletiva, por meio de artefatos tangíveis, ou seja, da peça confeccionada artesanalmente. Os aspectos imateriais permitem a interpretação das relações entre as amostras simbólicas e ao desenvolvimento das identidades culturais, em harmonia com a técnica empregada ao artesanato.

O artesanato para as partes populares se repousa na experiência vivida e transmitida de geração para geração. A tradição familiar tem grande autoridade no processo criativo. Pertencer a uma família de artesões (artistas) ou crescer no ambiente do fazer trabalhos manuais é, geralmente, um meio de qualificar a categoria, prevalecendo os vínculos afetivos, a memória, as trocas simbólicas e os elos de solidariedade e dom, necessários à vida do cotidiano de cada artesão (DIAS, 2003).

Cerqueira (2013) relata que é preciso garantir, essencialmente, que a população possa apreciar seus bens culturais, para aprender a preservar como patrimônio. Tal identificação deve ocorrer

através de paralelos entre sua autoridade na formação histórica de sua cultura e a identidade sentimental que adquire no presente, ao despertar o sentimento de pertencimento.

O crochê como uma arte popular é difícil de ser conceituado, são trabalhos manuais, que mostram a cultura de um povo, seus traços, religião, suas tradições. Em se tratando de arte popular, Paviani (2003, p.44) afirma que “a arte popular é aquela que está enraizada na cultura popular, é aquela que adere às pulsações telúricas, espirituais e sociais de um povo”. A arte popular representa a cultura gerada nas atividades artesanais de um povo, utilizando os recursos locais.

A arte popular é do povo, mas nem sempre para o povo, não apenas por uma simples questão política de distribuição, mas também por uma questão de gosto e de formação estética. Às vezes o consumidor e destinatário da arte popular se encontram na classe dirigente, na elite econômica e intelectual, ou porque tem condições financeiras, ou por modismos, ou ainda por sensibilidade perceptiva (PAVIANI, 2003, p. 47).

É uma atividade que pode ser considerada nas suas extensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental. Trata-se uma forma de validação, dentro de um grupo social.

A riqueza cultural do artesanato em crochê está expressa em muitas e diferentes manifestações. Algumas de caráter inovador, que podem ser singulares ou assumindo (na região) aspectos peculiares, em consonância com as especificidades da tradição e dos hábitos locais (DINIZ & DINIZ, 2007). As alterações, como consequência da coletividade da memória, permitem à cultura sua expansão e sua manutenção identitária.

3 O crochê como manifestação artística e do design

A arte tem o conceito em constante evolução, sua origem no latim nas formas *ars*, *artis*, a partir de uma raiz grega em *téchne*. Em seu sentido etimológico, trata-se de uma habilidade adquirida, da qual se opõe às faculdades concedidas pela natureza. A palavra *ofício* deriva do latim *officium* e significa realizar um trabalho aplicando técnicas e habilidades específicas. No regime de trabalho denominado artesanato, os ofícios estão ligados às habilidades artesanais e à figura do artífice ou artesão. De certa forma, “a história do artesanato se confunde com a história do homem, pois a necessidade de produzir bens de uso rotineiro e ornamentos é expressão da capacidade criativa e do trabalho” (FACHONE, 2012, p. 61).

A base do trabalho do artista e do designer é o olhar. O olhar, nos dois âmbitos, se consiste na característica do “ver diferente”, uma procura diferenciada de uma simples observação, trata-se da pesquisa constante para a criação. A experiência vira prática, e a história uma narrativa, um conceito. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. O que transforma a matéria em “arte” é a quantidade de poética que se coloca nela (BOSI, 1986).

Ela é uma forma de devolução do que faz parte do universo onírico e é acrescentado nele algo que ainda não se tenha pensado, o que não está no Google. O que ainda não existe e é único, mas ao mesmo tempo, tem um grande potencial multiplicador e reflexivo.

Por séculos, as mulheres, em diferentes tribos e nações, se tornaram as responsáveis pela manutenção dos objetos do lar. O reaproveitamento de coisas, roupas e alimentos é um hábito aprendido e replicado na família, com as mães, tias, avós. Este fazer com vários materiais pode ter contribuído para as inovações em linhas e no crochê. Dessa forma, não é

de estranhar que algumas artistas utilizem materiais de sua cultura tradicional para trabalhos artísticos ou que desenvolvem, sob essa perspectiva, o seu olhar com designer.

3.1 Arte e Design no crochê – relatos sociais

A artista visual e designer de São Paulo, Karen Bazzeo que criou o atelier Dolorez Crochez. Nascida em Bauru, Karen diz que aprendeu a fazer crochê com sua mãe e que encontrou suas peças, em um antigo baú. Resolveu então usar o crochê como sua forma de expressão. Esta atitude é também uma valorização da memória.

Nossas memórias estão diretamente ligadas à afetividade e constroem um universo de lembranças que são reativadas todos os dias por coisas que vemos, sentimos, por determinados assuntos, cheiros, lugares e pessoas, nessa mesma direção que buscamos apresentar estímulos que pudessem trazer memórias à tona (PEDRO, ALVES, 2019, p.342).

Karen, relata que ao crochetar percebeu que suas mãos teciam tramas de fios e sentimentos. Relata que as mãos falam por ela, colocando para fora o poder ser traduzido do subjetivo ao objetivo, o chamado "craftivismo". Este termo é usado para designar uma forma de ativismo que se vale de técnicas artesanais para transmitir mensagens anticapitalistas, ambientalistas e feministas. "Como o meu trabalho é muito do que eu sinto, do que eu quero expressar, é natural que minhas opiniões políticas se reflitam nele". Depoimento da Karen Bazzeo para a Folha de São Paulo (2016).

O Craftivismo vem para romper com as desigualdades de gênero, usando a criatividade feminina. É um movimento que tenta romper com os conceitos de produto e consumismo, ensina técnicas manuais às pessoas carentes. Além disso, valoriza o trabalho doméstico como forma de expressão artística e revolucionária. Estes trabalhos incluem tricô, crochê, costura, tecido e cerâmica (ROSENHEIN; ZAMPERETTI, 214, p. 14).

Na figura 1, são apresentadas algumas imagens em intervenções urbanas com crochê de Karen Bazzeo, em espaços públicos de São Paulo.

Figura 1 – Crochê urbano de Karen Bazzeo.



Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_galeria_croche_graffiti_pai (2016).

Acesso: 05 set. 2022.

(Fotos: Lucas Hirai)

Para a designer, a ocupação de áreas públicas com intervenções artísticas é capaz de transformar lugares que antes não eram tão notados em uma oportunidade para as pessoas se relacionarem melhor com seu cotidiano. “Fico muito feliz quando consigo passar uma mensagem através da arte e quando tenho uma resposta das pessoas na compreensão e especialmente na identificação com o meu trabalho. Perceber que de alguma forma as pessoas se identificaram, se inspiraram e vão conseguir sair do lugar que estão é muito gratificante”, relata Karen, conforme D'Ornelas (2019).

3.2 O crochê como manifestação de conflitos sociais

A artista polonesa Agat Oleksiak, conhecida como Olek, também utiliza o crochê em seus trabalhos, em muitas exposições em diversos países, há mais de uma década. Conforme Torquato (2016), em um projeto especial, na pequena cidade de Avesta, na Suécia, com a colaboração de um grupo de mulheres refugiadas da Síria e Ucrânia, Olek revestiu duas casas totalmente de crochê na cor rosa (figura 2), pelo movimento #ourpinkhouse (Nossa Casa Rosa). As obras foram realizadas bem mais do que à contemplação estética, elas chamam a atenção para a situação de mais de 21 milhões de refugiados que deixaram suas casas por conflitos em seus países. Este evento ocorreu em 2015. Atualmente, a realidade é dramática, com a ocupação da Ucrânia pela Rússia, o número de refugiados é bem maior.

Figura 2 – Casa totalmente revestida em crochê na cidade de Avesta, Suécia.



Fonte: <https://blogdaarquitectura.com/croche-colorido-para-cobrir-casas-e-moveis/> (2016). Acesso: 05 set. 2022.

(Fotos: Divulgação – Agata Olek)

Olek relata que decidiu modificar a casa com crochê para ilustrar a situação dessas pessoas em todo o mundo, na qual centenas de milhares ficaram sem lar. A casa rosa além de ser um trabalho artístico, é também um símbolo de um futuro melhor, de esperança e ajuda mútua, em que todos tenham um local para morar (TORQUATO, 2016).

3.3 O crochê como sustento e arte para um artesão

Clayton é um artesão muito habilidoso que, em situação precária de sobrevivência, estando na condição atual de morador de rua, na cidade de Belo Horizonte, faz trabalhos em crochê para vender e garantir o seu sustento. Segundo Villanueva (2020), ele tem muito cuidado,

habilidade e carinho ao realizar seus trabalhos manuais em tricô e crochê que são vendidos para a vizinhança (figura 3).

Figura 3 – Morador de rua fazendo crochê.



Fonte: <https://thegreenestpost.com/morador-em-situacao-de-rua-garante-renda-vendendo-pecas-de-croche-tricotadas-com-agulhas-feitas-por-ele-mesmo/> . Acesso: 10 set. 2022.

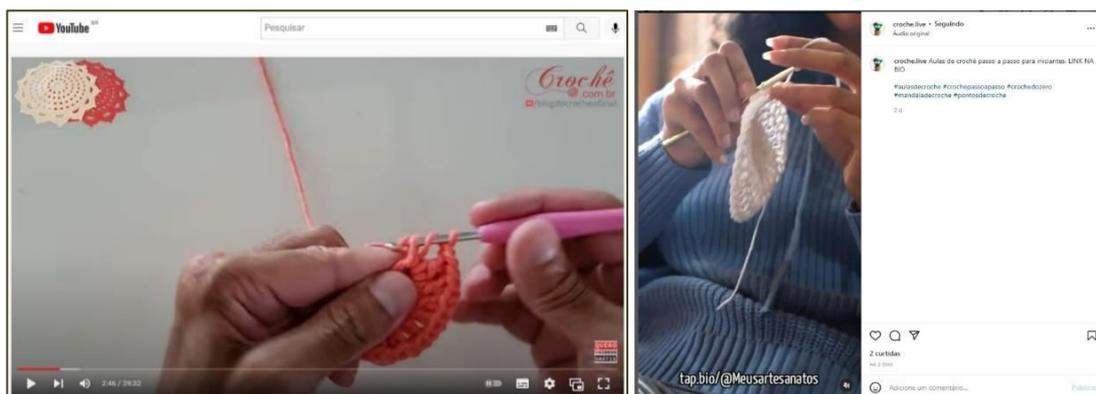
(Foto: Rosa Kelles)

Clayton descreve que ele mesmo fez as agulhas para tecer as suas peças, assim como também fez o apoio que gira o carretel de linha. Assim, com esta artesanaria tem seu pensamento longe de coisas negativas e que afiança a sua sobrevivência. Ao realizar uma atividade criativa ele aprende a ser resiliente com as adversidades e mostra o seu trabalho digno com muito orgulho. Suas artesanarias são compostas de toalhas de mesa, guardanapos, panos de prato, cortinas e roupas, atendendo encomendas.

4 As redes sociais e o crochê

Sobre análise de relatos em redes sociais, observa-se que segundo (BRANCHER, 2018, p. 196), "A internet, através de seu amplo alcance, vem possibilitando que técnicas artesanais características de uma região possam ser aprendidas por pessoas de todas as partes do mundo", seja mediante a um simples tutorial disponibilizado no Youtube ou a uma "live" (figura 4) da rede social Instagram. Nestes tutoriais, ajustados pelos usuários da rede como "passo a passo" ou DIY (do-it-yourself), comumente não há uma narrativa que acarrete um resgate histórico ou uma ansiedade em cultivar conscientemente a técnica que será instruída.

Figura 4 – Tutorial disponibilizado no Youtube e a “live” da rede social Instagram.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pYntfoT2Gcc&t=5s/> - Samuel Ramos – Foto: Print do vídeo. Acesso: 05 set. 2022.

<https://www.instagram.com/p/CbvW3mvpJfu/> (2022) – Foto: Print do vídeo. Acesso: 05 set. 2022.

Esta mesma autora destaca, "Se antes o trabalho artesanal exigia um produtor calmo e com o olhar atento a sua minuciosa produção, agora com os tutoriais tais atividade é realizada por alguém que divide a sua atenção entre a tela de um computador (ou smartphone) e o item que está sendo confeccionado" (p.197). Durante a preparação manual do item, o possuidor das técnicas artesanais conhece-se importante, pois vê, mesmo antes do final do item, sua potencialidade pessoal para construir um objeto artisticamente singular. Alguns artesãos que vendem técnicas artesanais nas redes sociais incitam que outros usuários anunciem seus artefatos. Ainda a autora reflete sobre experiências de geração a geração e a atualidade.

A habilidade artesanal, antes baseada em uma experiência vivida e passada por gerações de uma mesma família, na atualidade tem a sua continuidade garantida em escala global. Nas postagens de vídeos tutoriais, usuários de todas as partes do mundo conversam entre si nos comentários, acabam debatendo sobre outros estilos de confecção, compartilhando dúvidas e consumindo novas formas de aprendizado. Na rede, percebe-se que os vínculos afetivos e as trocas simbólicas que sempre ocorreram durante a atividade artesanal não deixaram de existir, apenas tornaram-se diferentes, parecem mais imediatistas e não tão preocupados em manter tradições e técnicas históricas e/ou familiares. (BRANCHER, 2018, p.198)

Além da reflexão em relação as ações humanas no momento atual, constata-se que o processo de consumo de bens e técnicas artesanais alterou-se de modo expressivo com a internet. Outrora, o artesão era concebido pela forma do labutador que abastecido de ferramentas simples, sozinho ou com a base de familiares e/ou principiantes, criava artefatos únicos e possuídos de amplo jeito tradicional. "Enquanto item de consumo, o objeto artesanal era visto mais como um bem típico, tradicional de uma região e feito com matérias primas, por vezes, estritamente naturais." (BRANCHER, 2018, p.201)

Assim analisa-se que a internet, sendo considerada uma ferramenta que avança fronteira e abre o acesso sem limite a inúmeras referências culturais, destaca que a aquisição de artesanias tem passado por grandes e valorosas mudanças e muito mais significativas. Para Brancher (2018), examinando a palavra “artesanato” no campo de busca do Google se tem aparentes aproximadamente 212.000.000 efeitos de pesquisa, um grande número de citações ao tema. Neste recorte e por sua evidenciada importância econômica e social, torna-se interessante pesquisar e conhecer continuamente mais sobre a aquisição e a cultura artesanal, há muitos anos reconhecida como atividade dos pequenos mercantes e que segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) move anualmente mais de 50 bilhões de reais (PORTAL BRASIL, 2015).

Segundo historiadores, o artesanato sempre esteve presente na vida do homem. Durante a Idade Média ele tornou-se um verdadeiro segmento de trabalho, foi nesta época que a necessidade de se produzir bens para uso rotineiro estimulou a criação de objetos como forma de labor (LAMPEN, 2001).

5 Análises dos saberes e fazeres com crochê no universo humano

Nas bases da Linguagem visual “o ponto é a unidade de comunicação mais simples e irredutivelmente mínima” (DONDIS, 2000, p. 53). No crochê, os primeiros pontos, ainda que simples, promovem um grau de importância em todos os trabalhos começados. Assim, a linha descreve uma forma e os pontos do crochê através das linhas vão se compondo em múltiplas ideias que a mente pode conceber.

De acordo com Fonseca (2015; p. 52), a arteterapia é "uma atividade terapêutica que atua na prevenção, recuperação e manutenção da saúde psíquica do indivíduo por mediar, através da utilização de diferentes técnicas artísticas, a comunicação do indivíduo consigo mesmo". Esse é uma porta muito ativa que promove a aparecimento de emoções e de sentimentos que fazem parte do inconsciente.

Assim como outras atividades que envolvem linhas, agulhas e trabalhos manuais, o crochê encontra-se na natureza das ocupações prazerosas e afetivas, corroborando no tratamento de doenças. Isso ocorre porque o cérebro libera dopamina, um neurotransmissor responsável por designar uma sensação de prazer e satisfação.

A dopamina está conexas com o chamado “sistema de recompensa”, o que explica Santos (2022), que é uma rede neuronal no cérebro que entusiasma espontaneamente as emoções dos seres humanos. Avalizando o entusiasmo para executar algumas agilidades, como a percepção de felicidade quando comemos ao ter fome. Assim que os neurônios humanos são acionados, eles aprovam a dopamina no cérebro humano intensificando a percepção de prazer.

Os seres humanos se entristecem ou se alegram de maneira espontânea segundo DePaulo; Hortiz (2000), em implicação de eventos da vida. Essa experiência, de altos e baixos diários no afeto humano, é universal e natural.

O crochê, além do prazer gerado pela dopamina, é uma excelente atividade do ócio criativo, capaz de promover ações sociais. Dessa forma, “[...] a arte permite ao ser humano a liberação de seus sentimentos e emoções, aumentando a qualidade afetiva das relações interpessoais, pela melhora da comunicação, fortalecimento da autoimagem e redescoberta de potenciais criativos” (GUEDES et al., 2017; p. 731).

A criação de um trabalho garante a autoestima e a autoconfiança. Reforçando o ego, a arteterapia direciona a subjetividade, tornando-se cada vez mais estruturada no percurso de sua autonomia ou autoria de pensamento. Favorecendo a relação com o outro, o indivíduo tem a possibilidade de se sentir incluído ou fazer parte de um grupo, desenvolvendo sentimentos de companheirismo, satisfação, identificação, semelhança, apoio, proteção e ajuda (GUEDES et al., 2017, p. 739).

Na figura 5, são apresentados os modelos de desenhos tradicionais em almofadas, conhecidos como quadrados da vovó, modelos tradicionais dos anos de 1970.

Figura 5 - Crochês com desenhos tradicionais dos anos de 1970, conhecidos por quadrados da vovó.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.
(Fotos: Wladimir Bazzoni)

Dentre as diversidades de peças criadas pelo universo feminino, salienta-se: as peças para decoração da casa (toalhas de mesa, caminhos de mesa, almofadas, cortinas, tapetes, colchas para a cama, enxovais de casamento) e peças de vestuário (roupinhas de bebê, blusas, casacos, cachecóis). Em relação aos modelos de artefatos, Martins (1973, p. 16) lembra que “a opção dos temas incide de forma singular a cada artesão e que é entusiasmada pela cultura e pelos modos de vida que vivência culturalmente”.

A vida “privada” constitui o testemunho de um tempo coletivo. Ecléa (2003, p. 63) lembra a importância das perturbações e dos silêncios. “Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade... A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”.

O ato de rememorar de artesãos sobre o fazer crochê, perpassa pela observação dos movimentos das laçadas das mãos humanas de sua árvore genealógica – avó, mãe, irmã mais velha e tias. O olhar curioso em primeiro momento, para copiar depois os gestos das mãos e do corpo e enfim, experienciar a memória afetiva - astúcia e imaginação no ato de criação.

6 Considerações

Nas reflexões propostas por este trabalho, observou-se que o ser humano (ainda) em processo pandêmico, sofre por diversas questões, inclusive, efeitos da perda, das angustias, das incertezas, que podem se transformar em problemas de depressão e solidão. Foi visto, inclusive, que muitas pessoas realmente utilizam o crochê como atividade de função terapêutica. Desde o início da pandemia, o aumento de ambientes virtuais sobre a temática é significativo.

As técnicas do crochê se adequaram à rotina moderna das novas gerações, aplicam-se novos conceitos, novas tendências, novos métodos e mesmo novas significações às memórias, a fim de mantê-la não apenas como objeto de recordação dos antepassados, mas como parte cultural dos povos ainda integrante do seu modo de vida.

Nas descrições e análises do ato de crocheter, pode-se entender que não é uma simples atividade do fazer manual, mas também realiza a preservação dos fazeres tradicionais. O fazer manual em crochê pode ajudar em todo o processo e ser um instrumento efetivo para desenvolvimento de agilidades criativas e significativas.

O artesanato do crochê representa a junção do sentir, do fazer e da expressão de uma cultura local. Através de intervenções artesanais no contexto social de uma cidade, estimula-se uma relação emocional mais intensa do indivíduo com o meio que habita e sua cultura.

Portanto, observou-se que o ofício de crocheter continua a existir, como uma forma de lazer e em projetos de design, arte e intervenções sociais. A afetividade oriunda deste processo poderá proporcionar novas experiências em projeto. Os laços do fazer entre as gerações podem e devem permanecer fortalecidos pelos fazeres, abrindo caminhos para a inovação.

7 Referências

- ANDRADE, Louise dos Reis Gusmão. **Um lugar de memória: a subjetividade do bordado na instalação artística.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre arte.** São Paulo: Ática, 1986.
- BRANCHER, Nicole Rochele Cardoso. et al. Reflexões acerca do consumo de artesanato na internet. **Temática**, Ano XIV, n. 9. p.191-203, set.2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Novas diretrizes para a proteção do patrimônio: a diversidade cultural e o imaterial. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 12, p.40- 63, dez. 2012.
- COSTA, Leila Miguelina Aparecida. **O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda: um estudo de caso as Associação Comunitária do Bairro Lambari.** Trabalho de Pós-Graduação (Pós-Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) CELACC/ECA-USP, 2012.
- DEPAULO, J. R., HORTIZ, L. A. **Understanding Depression;** Jonh Wiley & Sons. 2000.
- DIAS, M. E. B.; As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos. **O público e o privado - Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará** nº.2, 2003.
- DIGBY, Simon. Export industries and handicraft production under the Sultans of Kashmir. **Indian Economic and Social History Review** [S.l.], v. 44, n. 4, p. 407-423, Oct-Dec 2007.
- DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica. **Novos Cadernos NAEA.** vol.10, nº.2, 2007.
- DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo, Martins Fontes, 2000.

- D'ORNELAS, Stephanie. **Crochê vira arte urbana e dá cor às cidades em várias iniciativas pelo mundo.** Gazeta do Povo. (2018). Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/urbanismo/croche-vira-arte-urbana-cor-cidade-mundo/>>. Acesso em: 13/03/2022.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** MACHADO, Maia de Lourdes Santos (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FACHONE, Savana Leão. **Design e artesanato: o sentido do fazer manual na contemporaneidade.** 2012. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Artista usa 'grafite de crochê' para levar mensagens às ruas de SP.** (2016). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/06/1787308-artista-usa-grafite-de-croche-para-espalhar-mensagens-nas-ruas-de-sp.shtml>>. Acesso em: 13/03/2022.
- FONSECA, Erika Luiza da. O bordado como representação simbólica no atendimento arteterapêutico. In: **Arterevista**, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-5. Disponível em: <<http://www.fpa.art.br/fparevista/ojs/index.php/00001/article/view/59/100>>. Acesso em: 13/03/2022. .
- GUEDES, Maria Heliana Mota; GUEDES, Helisamara Mota; ALMEIDA, Martha Elisa Ferreira de. Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, RJ, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n4/a12v14n4.pdf>>. Acesso em: 12/04/2022.
- KELLY, E. **Design e artesanato: um diferencial cultural na indústria do consumo.** ACTAS DE DISEÑO, v. 1, p. 01-15, 2007.
- LAMPEN, Alle. Handcraft in Europe. **From the late Middle Ages to the early modern period.** Zeitschrift Fur Historische Forschung [S.l.], v. 28, n. 4, 2001, p. 595-598.
- LEMES, Bianca Xavier; PEREIRA, Andréa Franco. Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs. In: **Multitemas**, Campo Grande, v. 25, n. 169-190, jan./abr. 2020.
- MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.
- MENESES, José Newton Coelho. Patrimônio e Memória. **UNESP – FCLAs – CEDAP**, v. 5, n.2, dez. 2009, p. 19-33.
- MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. Cultura afetiva: a construção do ser brincante no contexto urbano externo. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade.** Vol.06, artigo nº1789, ed. especial, mar/2020. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1789>>. Acesso em: 20/03/2022.
- OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria; CASTRO, Flávia Neves de Oliveira; Design e o crochê no universo feminino, p. 540-553. In: **Anais do Colóquio Internacional de Design 2020.** São Paulo: Blucher, 2020. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/cid2020-42.
- PALUDAN, Lis. **Crochet: History & Tecniqe.** Loveland, CO: Interweave Press, 1995.
- PAVIANI, Jayme. **Estética mínima: notas sobre a arte e literatura.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PEDRO, Fernanda Lopes; ALVES, Carla Juliana Galvão. Alinhavando Memórias a uma Produção Visual. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem/IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2019.

PORTAL BRASIL. **Artesanato contribui com desenvolvimento do turismo no país**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/03/artesanato-contribui-com-o-desenvolvimento-doturismo-no-pais>>. Acesso em: 12/04/2022.

ROSENHEIN, D. F.; ZAMPERETTI, M. P. As tramas nas Artes Visuais: uma possibilidade para o sensível. XIII Seminários de História da Arte, nº4, Pelotas: Centro de Artes/UFPel, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/4930/3690>>. Acesso em: 12/04/2022.

SANTOS, Thiago de Sousa. O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local. In: **VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2010. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso em: 13/03/2022.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Dopamina**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/dopamina.htm> >. Acesso em: 13/03/2022.

SILVA, Bruna Vilas Bôas da. **Crochê**: O resgate cultural e seus arsenais na prática do designer de moda. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso Tecnologia em Design de Moda - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2015.

TORQUATO, Leyda. **Artista Olek cobre casas com crochê cor-de-rosa para chamar atenção sobre a situação dos refugiados**. Postado em: 14 nov. 2016. Disponível em: <https://followthecolours.com.br/art-attack/olek-casas-cor-de-rosa-croche/>>. Acesso em: 12/04/2022.

VERAS, E. K. R. S. **Crochê e Richelieu**: Traços Culturais no Design Brasileiro Diseño en Palermo. Encuentro Latinoamericano de Diseño, Palermo, 2007.

VILLANUEVA, Suzana. **Morador de rua sobrevive fazendo tricô e crochê para vender**. Postado em: 11 fev. 2020. Disponível em: <https://educadoreslive.com/morador-de-rua-sobrevive-fazendo-trico-e-croche-para-vender>>. Acesso em: 12/04/2022.